DESENVOLVIMENTO DE UM PROGRAMA DE ESPECIFICAÇÕES E SUA EFETIVAÇÃO NA AMÉRICA DO SUL. — EXPERIÊNCIA BRASILEIRA — *

Léo Werner Süffert

Professor Titular do Departamento de Materiais Dentários

SINOPSE

Análise dos fatores que contribuem para dificultar o desenvolvimento e a efetivação de um Programa de Especificações na América Latina. Apresentação de algumas soluções para que tais dificuldades sejam sanadas, baseando-se na experiência brasileira neste sentido. Causa da criação do Grupo Brasileiro de Materiais Dentários e de tudo aquilo que esta Instituição já fez em prol das Especificações para Materiais Dentários.

Durante os últimos 35 anos, em muitos encontros ou Congressos de Odontologia, na América do Sul, muitos conferencistas abordaram a importância e necessidade de um **programa nacional** de Especificações para Materiais Dentários.

Muitas vezes Assembléias Gerais aprovaram Teses^{1,2}, relacionadas com

este assunto. Em outras oportunidades, determinados tipos de Materiais Dentários, foram ensaiados de acordo com Especificações então existentes, norteamericanas, australianas, ou da Federação dentária internacional, resultando em trabalhos científicos publicados dos quais menciono apenas alguns^{3,4,5}.

No Brasil, especificamente, muitas teses de autoria de professores pertencentes a Departamentos de prótese ou Dentística operatória, visando títulos como doutoramento, Livre-docência ou Cátedra, foram elaboradas em Departamento de Materiais Dentários e, na maioria das vezes as Especificações acima mencionadas foram utilizadas como guia ou subsídio.

O esforço de Francisco Degni³ em 1949, deveria ter sido o início de um **programa de especificações** no Brasil. O esforço de Fernando Pinto⁴, em 1962, também, em meu entender

(*) Trabalho apresentado, a convite, no «50th Anniversary SYMPOSIUM ON DENTAL MATERIALS RESEARCH» no «National Bureau of Standards», em Gaithersburg, Maryland, U.S.A., Outubro 6 — 8 de 1969.

poderia ter sido o início de um **Programa regular de Especificações** para Materiais Dentários na Argentina.

Qual a razão pela qual estes dois extraordinários líderes no campo dos Materiais Dentários na América do Sul, não conseguiram a efetivação de um programa regular de especificações?

Qual a razão pela qual outros indivíduos falharam cada vez que tentavam iniciar um programa de Especificações, em diferentes países na América do Sul?

A resposta a estas perguntas constituem precisamente o que pretendo analisar e, mais adiante, quando lhes der um breve resumo a respeito de nossa «experiência brasileira» durante os últimos 4 anos tenho a esperança de que isto possa ser de algum benefício a outros países da América do Sul.

1 — PESSOAS E INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS NUM PROGRAMA DE ESPECIFICAÇÕES

1.1 O DENTISTA E A FACULDADE DE ODONTOLOGIA

Um programa de especificações tem que envolver antes de tudo, o **dentista**. Qual a sua **opinião** a respeito de um programa de especificações? Qual o seu **interesse** em relação ao programa de Especificações? Que sabe ele a respeito de **Especificações**?

Acredito que seja justo afirmarmos que o dentista seja um produto

de sua Faculdade de Odontologia. Se quisermos informações a respeito da **qualidade de ensino** de qualquer faculdade de odontologia na América do Sul, deveremos analisar o seu **Curriculum**, deveremos obter informações a respeito dos programas de **integração** no ensino, devemos nos informar a respeito das instalações e equipamento, mas sobretudo, deveríamos estar aptos a avaliar os próprios **professores**. Qual o seu conhecimento a respeito de Especificações e as complexidades de um programa de Especificações?

Acredito que qualquer tentativa em iniciar um programa de Especificações em qualquer país da América do Sul, no qual apenas uma minoria, dos professores de odontologia tenha um conhecimento razoável do assunto, conduzirá este programa a um fracasso.

Toda a equipe docente deve possuir, ao menos um conhecimento razoável do problema especificações, a fim de que os estudantes e, futuramente, os dentistas como consequência, tenham desenvolvido a necessária atitude mental para compreender e aceitar tal programa.

Isto significa ainda, que as Associações de odontologia, consequentemente, aceitarão facilmente e **trabalharão** no sentido de que o Programa seja aceito. Sem o necessário preparo da atitude mental, não haverá aceitação!

Como vemos, este primeiro ciclo vicioso, somente poderá ser interrompido mediante um melhor preparo, neste sentido, das equipes docentes em nossas Faculdades de Odontologia.

1.2 O DISTRIBUIDOR DE ARTIGOS DENTÁRIOS E A INDÚSTRIA DE MATERIAIS

Lembro-me quando em 1954 fui criticado por colegas da equipe docente de minha própria Faculdade de Odontologia pelo fato de estar apresentando a meus alunos, através comunicações teóricas, auxílios visuais e demonstrações, os materiais de impressão à base de mercaptana e silicona, na época recém surgidos. A argumentação de meus colegas era a seguinte: «Por que ensinar estes materiais? Não há disponibilidade dos mesmos nas casas de artigos dentários do Brasil.»

Meus colegas, no entanto, concordaram comigo quando argumentei: «As casas de artigos dentários não dispõem destes produtos, porque não há suficiente procura dos mesmos por parte dos dentistas. Não há procura por parte dos dentistas, porque nós, os professores, nas Faculdades de Odontologia não mencionamos o produto!»

Este é outro ciclo vicioso que ocorre freqüentemente nas Faculdades de odontologia da América do Sul.

Através das Faculdades de Odontologia é que os distribuidores de artigos dentários e, especialmente a indústria de materiais dentários se envolve e participa de um programa de especificações.

1.3 ASSOCIAÇÕES ODONTOLÓGICAS

Com bastante freqüência Presiden-

tes de Associações odontológicas (Sub-seções) costumavam nomear comitês de Materiais Dentários. Usualmente havia um Presidente, um Secretário e dois ou três membros nomeados para este comitê.

Durante muitos anos, Estatutos de Associações Odontológicas no Brasil mencionam Programas de Especificações. A simples nomeação de um comitê para Materiais Dentários, no entanto, costumava ser o início e o fim de um programa de especificações! Creio que isto é verdadeiro para muitas Associações odontológicas na América do Sul. A atitude mental no sentido de uma **aceitação** de um tal Programa, não estava ainda preparada. Nem mesmo a maioria dos dentistas se dava conta da importância de tal programa.

Concomitantemente com as nomeações dos comitês, acima referidos, criavam-se novas Faculdades de Odontologia, com equipes docentes, na maioria das vezes, não preparadas suficientemente para o ensino. No entanto, tais professores, de alguma forma preparavam dentistas, os quais, naturalmente, participavam a seguir das Associações odontológicas. Creio que cerca de 3.500 dentistas se formam anualmente em aproximadamente 70 faculdades de odontologia na América do Sul.

A fim de que as Associações odontológicas se envolvam e participem de um programa de Especificações, o nosso trabalho deve iniciar, com seriedade, junto com todos os **estudantes** de Odontologia.

1.4 OS SERVIÇOS DE SAÚDE PÚBLICA

É inquestionável que a odontologia em todo o mundo, procura novos métodos, num esforço para estender a sua prestação de serviços a um número cada vez maior de indivíduos. Isto ocorre através de programas de saúde pública, no que se relaciona à odontologia, programas estes patrocinados seja pelo próprio Governo ou por Instituições privadas.

Considerando-se apenas a parte da ODONTOLOGIA RESTAURADORA, impõe-se a pergunta: «Baseado em que critério estas Instituições compõem o material dentário?» Todos nós sabemos, que o Programa de Pesquisas do National Bureau of Standards, nos Estados Unidos, começou em 1919, precisamente para responder a esta pergunta.

Especialmente com serviços odontológicos subvencionados pelo Governo, muitos programas na América do Sul, sofrem reduções ou corte de verbas, trazendo como consequência, freqüentemente a necessidade de aquisição de materiais dentários mais baratos, desafortunadamente.

1.5 O GOVERNO

Concordo plenamente, que o Governo de qualquer País deva participar de um Programa de Especificações para Materiais Dentários. De outro lado, no entanto, acredito que, considerando-se as características sócio-econômicas, de um modo geral, dos Países da América do Sul, não podemos pretender que os Go-

vernos tenham a obrigação de **iniciar** tais Programas.

Na maioria das vezes não há sequer verbas suficientes para manter, de forma adequada os próprios Institutos Nacionais de Padrões! (Da qual a nossa ABNT pode ser considerada um símbolo de trabalho, esforço e dedicação).

Há ainda tantos problemas básicos e importantes a serem solucionados pelos Governos dos países da América do Sul, que eu acho não termos o direito de pretender que eles iniciem um Programa de Especificações para Materiais Dentários. O Governo acabará envolvido, cooperando e participando do Programa, mas não devemos esperar que ele o inicie!

— — — — —

Como podemos ver, Comitês e Subcomitês de Especificações, de Instituições Nacionais de Padrões, necessitam da **participação ativa** de Faculdades de Odontologia, Grupos de Materiais Dentários, da Profissão odontológica (através Associações odontológicas regionais, estaduais e nacionais) de Associações de Pesquisas, de Associações Nacionais e Latino-americanas de Faculdades de Odontologia e... do Governo.

O sucesso, de qualquer programa de Especificações para Materiais Dentários torna imprescindível o envolvimento, a participação ativa e a Cooperação de todo um Grupo de indivíduos e Instituições! (NBS vs FBI?)

2 — EXPERIÊNCIA BRASILEIRA COM UM PROGRAMA DE ESPECIFICAÇÕES PARA MATERIAIS DENTÁRIOS

2.1 No Brasil, como em qualquer outro País da América do Sul, dispusemos de um excelente ponto de partida, ou seja, a grande quantidade de excelentes trabalhos de pesquisas e a experiência acumulada durante cinquenta anos no National Bureau of Standards: a excelência dos cursos de pós-graduação oferecidas por muitos Departamentos de de Odontologia dos Estados Unidos; toda a informação recebida através das Associações e Instituições de Pesquisas deste mesmo País; A Associação Dentária Americana; As excelentes oportunidades oferecidas a Professores de Odontologia da América Latina, através Bolsas de estudo patrocinadas por Fundações tais como a W.K. Kellogg Fundation e outras.

Baseamos também o início de um Programa de Especificações para Materiais Dentários no Brasil, na experiência de outras Instituições, tais como o Commonwealth Bureau of Dental Standards na Austrália (21 anos), o B.S.I., a D.N.A. (Deutscher Normenausschuss), A.F.NOR. (Association Française de Normalisation), I.S.O.-TC/106; a F.D.I.; a experiência e as excelentes pesquisas realizadas na Suíça, Suécia, Dinamarca, Japão e Canadá, entre outros, cujos pesquisadores cooperavam muito conosco, enviando-nos suas informações.

2.2 O GRUPO BRASILEIRO DE MATERIAIS DENTÁRIOS

Quarenta e duas das aproximadamente 70 Faculdades de Odontologia da América do Sul estão situadas no Brasil. Sentimos que valeria a pena iniciarmos um Programa de Especificações através às **Faculdades de Odontologia** no Brasil. A Faculdade de Odontologia, acreditamos, é o único lugar em que podemos preparar a atitude mental do futuro dentista, no sentido da **aceitação** de um programa de Especificações. Para consegui-lo com os 2.100 estudantes que se formam anualmente nas Faculdades de Odontologia no Brasil, torna-se necessário antes de mais nada, obtermos a compreensão, a aceitação e cooperação de **todos** os Professores de Odontologia. O ponto de partida, naturalmente, é o Professor de Materiais Dentários, participando ativamente no Grupo Brasileiro de Materiais Dentários.

Iniciamos o G.B.M.D. em setembro de 1965 com o primeiro Encontro em Pôrto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Como as distâncias no Brasil são grandes, e necessitávamos desde o início da participação ativa do maior número possível de Professores de Materiais Dentários utilizamos como atração, para nos ministrar um curso de Materiais Dentários e apresentar algumas palestras, a grande autoridade internacional a personalidade excepcionalmente agradável do Professor Floyd A. Peyton, da Universidade de Michigan, USA. Além das apresentações do Professor Peyton, na opor-

tunidade, tivemos **DISCUSSÕES EM GRUPO** dos seguintes assuntos: 1) Localização de Materiais Dentários num curriculum odontológico: comunicações teóricas e exercícios de fixação. 2) **Integração** (?) de Materiais Dentários com Departamentos clínicos. 3) Pesquisa em Departamento de Material Dentário. 4) Criação do Grupo Brasileiro' de Materiais e a adoção de Especificações ou Normas.

Contamos com a presença de mais de 100 Professores participando do Curso e do Encontro, a maioria dos quais, Professores de Materiais Dentários. Havia 31 Faculdades de Odontologia representadas, de um total de 38 então existentes no Brasil.

Para o nosso Segundo encontro, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais tivemos como nosso convidado especial, o Professor Hector Maddalena, chefe do Departamento de Materiais Dentários em Buenos Aires, Argentina. Novamente tivemos um ótimo Encontro com palestras e principalmente discussões em Grupo relacionadas com Ensino, Pesquisa e Especificações.

Nosso terceiro Encontro, em 1967 ocorreu em Piracicaba, SP, e contamos com a presença de mais de 80 sócios do GBMD. Naquela oportunidade, o Professor Degni e sua equipe apresentaram ao GBMD os resultados de ensaios com ligas para amálgamas odontológicas fabricadas no Brasil. A informação contida nesta apresentação foi posteriormente enviada a todos os Professores de Dentística do Brasil, a todos os Diretores de Faculdades de Odontologia, a todas as Associações Odontológicas no Brasil, à

maioria dos Serviços Odontológicos em Saúde Pública, financiados pelo Governo, bem como à indústria brasileira de materiais odontológicos. O nosso convidado especial, foi o Professor Guillermo Mac Pherson da Faculdade de Odontologia de Santiago, Universidade de Chile. Graças à participação dos Professores Mac Pherson e Maddalena, nosso GBMD possui hoje, um razoável número de membros na Argentina e principalmente no Chile.

Dividimos o Brasil em cinco regiões, cada uma delas com um coordenador, o qual é responsável pela divulgação das informações **bem como** por atividades especiais relacionadas a Materiais Dentários em suas regiões. Realizamos anualmente um Encontro e os locais de Encontro são escolhidos com dois anos de antecedência, por eleição.

O Quarto Encontro foi em Fortaleza, Ceará e tivemos como nosso convidado especial ao Dr. George C. Paffenbarger, o qual nos apresentou um excelente curso de Materiais Dentários. Novamente, na oportunidade tivemos discussões em Grupo, planejadas e relacionadas a três tópicos principais: 1) Filosofia do ensino de materiais dentários; 2) Integração. 3) Preparo do elemento docente especializado no campo de materiais dentários: programas de ensino e pesquisa.

Contamos com a presença de um número superior a 60 Professores, o que consideramos excelente face a distância entre Fortaleza (na parte nordeste do País) e o centro e sul do Brasil, onde se localizam a maior parte das Faculdades de

Odontologia. A participação do Dr. Paffenbarger junto ao GBMD foi de extrema valia e, lamentamos que devido a seus múltiplos compromissos não pudesse ter visitado, na oportunidade Faculdades de Odontologia da parte central e sul de nosso país. Não obstante acreditamos que tenha compreendido aquilo que estamos tentando conseguir, e, por seu intermédio a F.D.I., a I.A.D.R. bem como a I.S.O./TC 106 estão cientes hoje em dia das atividades de nosso GBMD.

Nosso Quinto Encontro, em 1969 realizou-se em Baurú, SP. Foi um excelente Encontro em que tivemos a participação como convidado especial ao Dr. John Stanford. Nos foram de muita utilidade tanto o seu Curso como as suas Conferências e eu me atrevera dizer de que o Dr. Stanford provavelmente retornou a seu País com melhor impressão a respeito de nosso GBMD do que nossos convidados anteriores. O Professor de Materiais Dentários no Brasil, atualmente e, me atrevo a dizer, por influência do GBMD encontra-se hoje em dia muito melhor preparado para a sua nobre missão do que há cinco anos. Para nos darmos conta desta grande diferença, basta retermos as conclusões das discussões em grupo!

De muita utilidade, também, têm sido os excelentes artigos publicados no Journal Dental Education, especialmente aqueles relacionados a programas de ensino e preparo de pessoal docente, tais como o Workshop on teacher education⁶, realizado em 1966.

A equipe de Materiais Dentários

da F.O./UFRGS apresentou ao Grupo no último Encontro, os resultados da análise relacionados com 2 (dois) materiais dentários fabricados no Brasil: Revestimentos para fundição de liga de ouro e Alginate.

Estou certo de que o Professor de Materiais Dentários no Brasil, está hoje muito melhor preparado para exercer sua influência na modificação da atitude mental de outros Professores de Odontologia e, através deles, de estudantes de odontologia, no sentido de uma **aceitação** de um Programa de Especificações.

Da mesma forma notamos também um interesse cada vez maior e a cooperação cada vez mais intensa da indústria de materiais dentários no Brasil, em relação ao nosso Programa de Especificações.

Até agora, ensaios relacionados com o que se poderia chamar de «Programa de certificados de materiais dentários», no Brasil, foram realizados apenas nas Faculdades de Odontologia de São Paulo (U.S.P.) a Pôrto Alegre (UFRGS). Os Departamentos de Materiais Dentários destas duas Faculdades geralmente são considerados, entre outros, como «Centros de Treinamento» para materiais dentários. Em São Paulo, principalmente, sob a excelente liderança atual do Professor Dioracy Fonterrada Vieira e a liderança sempre presente do Pioneiro Professor Francisco Degni, temos conseguido muito.

Vários outros Departamentos de Materiais Dentários, no Brasil, estão em ótimas condições. Outros ainda estão sendo preparados para parti-

cuparem ativa e efetivamente do Programa de Especificações. A idéia é a de responsabilizar a esses Departamentos selecionados pela análise de, digamos, dois, três, ou quatro materiais especificamente falando, do Programa Geral de ensaio! Os resultados desta análise são distribuídos pelo GBMD o qual por sinal é reconhecido pela ABNT como seu Comitê de Materiais Dentários.

Queremos que o Governo participe, mas isto só ocorrerá, quando tivermos conquistas, e realizações concretas para lhe apresentar!!

Para concluir a minha apresentação, neste convite honroso, que eu interpreto como sendo um convite à participação do GBMD nas comemorações do cinquentenário do NBS, quero que fiquem cientes de que nós do GBMD estamos **agora** perfeitamente cientes do fato de que, o enorme **prestígio** de vosso National Bureau of Standards, de muitos de vos-

sos excelentes Departamentos de Materiais Dentários, de vossas Instituições de Pesquisas em Odontologia, este enorme prestígio, repito, não foi facilmente adquirido nem ocorreu por acaso.

SYNOPSIS

The author analyses the persons and Institutions involved in a Specification Program for Dental Materials. The difficulties encountered and related to the acceptance of a Specification Program are also analysed. Specifically the experience in Brazil, with the Brazilian Dental Materials Group working towards the acceptance of such a program and the results already obtained, are mentioned. Suggestions are presented to other Southamerican Countries who would like to start a Specifications Program for Dental Materials.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DEGNI, F. Especificações e pesquisa. **Revista Brasileira de Odontologia**, Rio de Janeiro, **3**(4):19-23, ago., 1945.
2. ACUÑA, R. O. Oficina chilena de normas para materiales dentales. **Odontologia Chilena**, Santiago **15**(82):11-15, mar.-abr., 1966.
3. DEGNI, F. & POMES, C. Amalgamas Latino-Americanas. **Revista da Associação Paulista de Cirurgiões Dentistas**, São Paulo, **2**(3): 13-24, jan.-fev., 1949.
4. PINTO, F. E. Amálgamas Argentinas. **Revista Odontologica Argentina**, Buenos Aires, **50**(7):253-259, jul., 1962.
5. VIEIRA, D. F. Pastas zincoenólicas **Anais da Faculdade de Farmácia e Odontologia** de São Paulo, **10**:329-347, 1952.
6. WORKSCHOP, ON TEACHER EDUCATION. Conclusiones; teacher training and education programs. **Journal of Dental Education**, Chicago, **30**(1):54-55, mar., 1966.